

EVA REICH, MISSIONÁRIA DO PARTO

São Paulo/José Carlos Brasil



Eva Reich: conferências em São Paulo

“ESTOU ASSUSTADA COM O RECORDE BRASILEIRO DE CESARIANAS”

Alberto Beuttenmuller

SÃO PAULO — “Cada bebê tem direito à sua voz”, “a mulher tem direito a controlar a natalidade de seus próprios filhos”, “mães e bebês não deveriam ser separados logo após o parto” e “cada mãe deveria escolher em que posição dará à luz e quem estará presente a esse ato de maior grandeza”. Essas frases são de Eva Reich, filha e discípula do psicanalista Wilhelm Reich, o pregador da libertação sexual e da prevenção das neuroses humanas a partir do nascimento.

Eva Reich está assustada com o recorde brasileiro de cesarianas, “uma agressão à criança, que deveria nascer tranqüila e ficar trocando carícias com o corpo de sua mãe, ganhando paz e fazendo com que as duas auras se conheçam mais intimamente”. O parto no Brasil foi definido como “comercial” pela cientista, mas ela tem esperanças de que haja uma reação de todos, inclusive da classe médica, contra esse estado de coisas, “pois estão criando crianças esquizóides e com alitismo, justamente por essa prática da cesariana sem o mínimo propósito, a não ser o de agredir a criança em seu nascedouro”.

Eva Reich cita alguns dados de hospitais franceses, onde apenas 7% dos recém-nascidos vêm ao mundo por cesariana e 6% por pequena cirurgia de apoio ao parto. A psicóloga austríaca radicada nos Estados Unidos falou muito do Hospital Experimental de Booth, Filadélfia, onde a parturiente escolhe a posição do parto — de cócoras, em pé, deitada etc. — e as pessoas que estarão com ela nessa hora decisiva. Chamou a atenção para o fato de que nessa maternidade os administradores são as próprias famílias da comunidade.

— Ser civilizado — diz Eva Reich — não é rejeitar a natureza e as coisas naturais. A volta à natureza faz parte do próprio fluxo da bioenergética. A equipe de obstetria deve ser especial, mas enfermeiras e médicos não são as pessoas mais importantes quando acontece um parto e, por isso, não podem impor condições.

Eva Reich lembra algumas posições de parto que são lógicas. Em uma delas, o Booth Hospital coloca a mulher quase em pé, deitada, de maneira que a própria ação da gravidade ajuda a saída da criança. “A mulher tem todas as condições e impõe realmente até o espaço onde irá dar à luz. Creio ser evidente que é ela a pessoa mais importante naquele momento. Tão importante como seu filho.”

Nessa sua estada em São Paulo, onde veio dar três conferências sobre Prevenção das Neuroses, Parto Natural sem Violência e Revolução Sexual e Auto-Educação, Eva Reich está criando grupos de trabalho para que a própria sociedade brasileira comece a repensar o retorno à maneira mais natural de fazer-se o parto. “Após o parto, as mulheres devem comer quando lhes dá fome. Uma vez que não houve nenhum medicamento ou mesmo anestesia — ou seja, não houve a mínima agressão — a parturiente pode comer o que quiser e quando quiser. O ideal é deixar que tudo ocorra naturalmente, sem a interferência de quem quer que seja.”

Na medicina ocidental há, segundo Eva Reich, alguns erros que poderão ser corrigidos imediatamente, bastando mudar o enfoque do parto. “Os obstetras se colocam na posição principal — mas é a mulher que está realmente fazendo o parto, e não o médico. Este deveria ficar apenas esperando os acontecimentos, como alguém que está ali para dar apoio. Não se trata de uma cirurgia, mas de um nascimento, a coisa mais natural do mundo. Seria necessário também que todas as mulheres tivessem a mesma assistência médica de apoio. Jamais tirar o filho dos braços da mãe após o parto, como se faz em quase todas as maternidades do mundo. Já está comprovado que as crianças que tiveram contato com o corpo das mães logo após o nascimento cresceram sem neuroses, confiantes em si próprias. Ao contrário, muitas doenças físicas e a maioria das doenças mentais prendem-se a esses primeiros momentos após o parto, notadamente se a criança é imediatamente agredida com o distanciamento de sua mãe, logo após nascer e depois de nove meses de gestação, quando estava literalmente dentro dela. É um absurdo.”

Eva Reich chama a atenção para o que poucos sabem: “A primeira secreção da região mamária (colostron) é uma espécie de antibiótico. Além disso, a presença do pai, por exemplo, ao lado da mãe e do recém-nascido, dá mais confiança a todos, principalmente à criança, que sente as duas presenças através da pele. O toque da mão da mãe é primordial, pois além de dar força ao filho tira-lhe as possíveis dificuldades.” Eva Reich diz que muitas pessoas estão sempre de rosto caregado, tensos, devido a esses primeiros contatos com o mundo exterior. Esse primeiro contato da mãe e do pai tira da criança essa tensão, descarregando-lhe as preocupações. É também o caso da respiração abdominal, que pouca gente consegue realizar, pois a maioria sente-se tensa, não sabe respirar normalmente.

Eva Reich diz que “o brasileiro tem o peito achatado, porque depois do parto é abandonado em berçários, depois às babás, conhecendo apenas duas posições — a de barriga para cima, quando vê apenas o teto, uma situação pouco dinâmica, e a de barriga para baixo, quando fica fitando o lençol”.

Nas sociedades primitivas, as crianças vivem em contato com suas mães, com o seu corpo, dependuradas, participando de tudo o que sua mãe faz. Em momento algum ficam estáticos, parados, imóveis. “Colocar as crianças imóveis é contra a natureza” — diz Eva Reich. Elas poderão tornar-se esquizóides ou autistas, com o passar do tempo.

— A Dra Ruth Rice inventou um tipo de massagem (10 minutos) que feita nas crianças aumenta-lhes o desenvolvimento, inclusive o mental. Depois de um determinado tempo, a criança que foi massageada pela mãe tomou contato com sua pele, desenvolveu mais sua inteligência, de acordo com dados estatísticos já levantados. Essa idéia de que a criança não deve ser tocada é pura bobagem. A Dra Ruth Rice ainda pede que se balance a criança, com um fundo de som ultra-uterino (gravação). Fiz experiências com pessoas adultas catatônicas com esse processo e deu muito certo.

A cientista austríaca informou que há um movimento para humanizar a cesariana — o Caesarian Support Education and Concern — mais conhecido pela sigla C/SEC, movimento que vem crescendo nos Estados Unidos.

Dra Eva Reich, missionária, é como ela própria se vê. “Dos Estados Unidos copiamos tudo, inclusive essa comercialização do parto. Agora temos de retornar às origens. Meu trabalho maior é a prevenção das neuroses, mas prevenir as neuroses é a libertação da mulher diante da vida, a partir do seu parto, do controle da natalidade, em que ela deve ter o poder de decisão.”

Pede que todos leiam *O Prazer Corporal e a Origem da Violência*, livro de James Prescott, que pesquisou e vivenciou suas experiências em 49 tribos primitivas, sem encontrar violências, perversões sexuais, assassínios e outras condições facilmente encontráveis na chamada civilização.

Duas condições devem ser preenchidas para que tudo melhore, segundo a Dra Eva Reich, e a sociedade seja menos violenta: 1) o contato da criança com a mama de sua mãe, logo após o parto, o chamado prazer corporal, o toque na pele do bebê pela mãe e o mamar descontraindo da criança, que em hipótese alguma deve ser separada de sua mãe justamente nos primeiros momentos; 2) evitar a posição possessiva da sociedade em relação ao sexo, em relação às crianças e velhos. Se esse relacionamento melhorar, não haverá mais violências. Mas será preciso que todas as pessoas tenham acesso a tudo de que a sociedade dispõe, sem privilégios.

— Quanto ao aborto — finaliza Eva Reich — depende da figura da mulher na sociedade, onde, infelizmente, não tem ainda autodeterminação sobre seu próprio corpo. Acredito que se houvesse clínicas de controle da natalidade para todos que não querem ou não podem conceber, o problema do aborto seria mínimo. Creio que no Brasil a maioria das mulheres não quer ter os filhos que tem, muito menos em número elevado, por problemas econômicos e financeiros. Daí o aborto e as crianças abandonadas, criando um problema social grave. Se a mulher escolhesse que iria nascer e quando, não haveria o aborto em escala tão grande, aliás, quanto a outra agressão ao ser humano — a cesariana sem sentido — criando neuroses antecipadas em gerações de crianças brasileiras.